

## A PRESSUPOSIÇÃO NA LINGUÍSTICA MODERNA: QUESTÕES DE ENSINO

Verônica de Fátima Camargo Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo versa sobre a pressuposição, tema que é palco para estudos sob diferentes óticas, tais como filosofia, lógica, semântica, pragmática e análise do discurso. Pontuaremos estudiosos como Frege (1982), cuja perspectiva é logicista; Ducrot (1977; 1981; 1987), teórico que norteia nosso estudo, cuja perspectiva estruturalista é envolta por questões enunciativas; e Austin (1990), autor que sustenta um olhar pragmaticista para a pressuposição. O objetivo central deste trabalho é discutir se as abordagens linguísticas sobre a pressuposição são conflitantes ao ponto de comprometerem o seu ensino em nível de graduação em Letras. Para tanto, analisamos se há convergências entre as teorias estudadas que sejam capazes de sustentar uma abordagem sobre a pressuposição como fenômeno linguístico. Posteriormente, analisamos as abordagens sobre pressuposição presentes em livros de cunho didático voltados para o ensino de Licenciatura em Letras, com a finalidade de verificar se há divergência de enfoques teórico-metodológicos dado ao fenômeno pelos seus autores, possibilitando o surgimento de diferentes pressupostos aos enunciados e tornando fluido o próprio conceito de pressuposição linguística. Para ilustrar a presença dessa temática na formação do graduando em Letras, observamos o tratamento dado à pressuposição em provas do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE).

**Palavras-chave:** Pressuposição. Abordagens teóricas. Ensino.

**Abstract:** This paper discusses about presupposition, a theme that is possible to investigate from different perspectives, such as philosophy, logic, semantics, pragmatics and discourse analysis. We will review scholars as Frege (1982), whose perspective is logicist; Ducrot (1977; 1981; 1987), theoretician who guides our study, whose structural perspective is surrounded by enunciative questions; and Austin (1990), author who holds a pragmatic look at presupposition. The main objective of this article is to discuss whether the linguistics approaches concerning the presuppositions are conflicting to the point of compromise its teaching at a Language undergraduate course. Therefore, we analyze if there are convergences between the studied theories that are able to support an approach about presuppositions as a linguistic phenomenon. Subsequently, we analyze the approaches about presuppositions presented in textbooks aimed at teaching Language undergraduate students, with the purpose to verify if there is divergence of theoretical-methodological approach given to the data by their authors, allowing the emergence of different presuppositions to the utterances and, consequently, giving a fluid aspect to the concept of linguistic presupposition. To illustrate the presence of this theme in the formation of Languages undergraduate students, we observed how the topic presupposition appears on the National Examination of Student Performance, as known as ENADE.

**Keywords:** Presupposition. Theoretical approaches. Teaching.

---

<sup>1</sup> Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), [vcamargosoares@yahoo.com.br](mailto:vcamargosoares@yahoo.com.br)

## Introdução

Nossa pesquisa versa sobre as diferentes abordagens teóricas sobre a pressuposição, discutidas no âmbito acadêmico dos cursos de Licenciatura Plena e Bacharelado em Língua Portuguesa e Linguística. Por se tratar de um fenômeno complexo, a pressuposição recebe enfoques variados tanto na Filosofia quanto na Linguística, o que faz com que as abordagens sobre esse fenômeno linguístico sejam diferenciadas nos livros direcionados à graduação em Letras. No entanto, em Linguística, desde 1966<sup>2</sup>, a pressuposição tem sido tratada como um acontecimento essencial da linguagem humana, tendo como seu expoente o linguista francês Oswald Ducrot, cuja teoria passou por revisões, no correr do tempo, bem como críticas e questionamentos sobre a sua abrangência, por parte de diferentes teóricos.

Por essa razão, neste artigo optamos por conceber o fenômeno da pressuposição pelo enfoque ducrotiano, reformulado a partir das críticas de Henry (1992). Assim, distinguiremos o *posto* como o conteúdo proferido pelo locutor e o *pressuposto* como o conteúdo de responsabilidade do enunciador, que é uma voz coletiva. O *conteúdo pressuposicional* resume-se em informações de conhecimento compartilhado inseridas na enunciação.

Pensando na linguagem como um lugar de intervenção social e ideológica por meio de sujeitos que operam sobre a língua, nos propomos a estudar a pressuposição, informações que podem ser inferidas a partir das sentenças, com a finalidade de perceber conteúdos implícitos que permeiam e regulam as falas dos indivíduos.

A questão que esse trabalho levanta é se a ausência de abordagens convergentes sobre a pressuposição pode fazer com que esta deixe de ser discutida a contento em nível de graduação, nos cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Essa indagação fomentou nossa investigação sobre a pressuposição e sua importância tanto para o ensino, como para a pesquisa em Linguística. Fato curioso, que possivelmente ilustre nosso interesse em pesquisar o assunto, ocorreu no decurso das aulas de Semântica do curso de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, ministradas na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O assunto pressuposição gerou dúvidas e controvérsias, vez que a abordagem escolhida pelos alunos responsáveis pela apresentação de um seminário a respeito do tema não foi capaz de esclarecer tal fenômeno, pois o conteúdo pressuposto dos enunciados exemplificados na ocasião, foi visto de maneira

---

<sup>2</sup> Os artigos publicados por Ducrot em 1966 foram por ele retomados, sem modificações essenciais, em 1981, na composição da obra *Provar e Dizer*.

diferente por diversos acadêmicos. A abordagem adotada, na ocasião, foi baseada apenas no primeiro momento da teoria de Ducrot, cujos pressupostos deveriam resistir às leis da negação, interrogação e encadeamento. Sabemos que a teoria ducrotiana passou por renovações, no entanto, tal desenvolvimento teórico não foi destacado a contento pelos acadêmicos responsáveis pelo seminário e, assim, muitos dos exemplos tratados não foram resolvidos de modo a diminuir as contradições, sendo passíveis de múltiplas interpretações.

A partir desse fato, ocorrido em 2007, o tema pressuposição foi por nós pesquisado por anos seguidos. Nossa hipótese era de que as abordagens sobre pressuposição não são discutidas a contento nos cursos de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e Bacharelado em Linguística, pois os próprios livros de semântica atuais, destinados ao ensino acadêmico, não apresentam convergência teórica ou exemplos convincentes. Então, como aplicar esse conhecimento na educação básica, se nem mesmo os professores de Letras recebem informações convergentes sobre o assunto? E esse parece ser um tema importante, pois foi discutido em questões do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes, antigo Provão, por nós analisadas, e também foi contemplado em uma questão discursiva de um dos vestibulares mais concorridos do Brasil, o da UNICAMP, em 2010. Além disso, questionamos se haveria mesmo um consenso teórico em torno da pressuposição, o que possibilitaria uma melhor discussão sobre o tema nas aulas dos cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Após busca bibliográfica sobre as teorias relativas à pressuposição, nossa investigação caminhou com o propósito de verificar quais abordagens sobre esse tema são retomadas pelos autores mais conceituados e atuais, que publicaram livros destinados ao ensino médio, bem como aquelas discussões de Semântica presentes nos livros utilizados nas universidades brasileiras.

A pesquisa linguística voltada para o fenômeno da pressuposição é ampla e relevante, fato comprovável à medida que compreendemos a importância do conhecimento dos conteúdos pressupostos para, entre outras coisas, a compreensão da superfície textual. Os pressupostos, inscritos ou não nos enunciados, são capazes de ativar a memória discursiva, resultando na aceitação dos enunciados pelos locutores, promovendo uma relação entre a enunciação e a realidade. Segundo Mari (2011)<sup>3</sup>, em seu artigo “Conceitos de pressuposição: histórico”:

A pressuposição é, certamente, um dos conceitos que mais adquiriram prestígio ao longo destas três décadas de história da semântica

---

<sup>3</sup>Disponível em [http://www.ich.pucminas.br/posletras/SEMANTICA-conceitos\\_de\\_pressuposicao.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/SEMANTICA-conceitos_de_pressuposicao.pdf), acesso em 09/11/2011.

moderna, conforme constatação que pode ser feita, a partir dos principais autores que discutiram questões sobre a construção de teorias semânticas para as línguas naturais, a partir do estruturalismo. Este prestígio, todavia, tem representado algumas dificuldades para aqueles que pretendem uma abordagem da questão, que seja capaz de ultrapassar uma certa intuição generalizada do seu alcance. Pressuposição é quase sempre referida como um *processo* que permite *deduzir* certos fatos não-explicitados, a partir de outros que são explícitos; ou, então, o *produto* dessa operação. (grifos do autor).

Apesar do prestígio adquirido pelo fenômeno da pressuposição na Semântica moderna, conforme o autor aponta na citação acima, podemos prever que a sua abordagem torna-se dificultada e passível de questionamentos, por aqueles professores que pretendem repassar essa discussão para os alunos de Licenciatura em Língua Portuguesa. O que pudemos perceber, com nossos estudos, é que as divergências entre as abordagens são teoricamente tão profundas que poderemos apontar diferentes pressupostos aos anunciados, de acordo com a abordagem adotada.

Desejamos, assim, problematizar um dos fenômenos mais estudados pela Linguística moderna ao lançarmos um olhar para a formação dos professores de Língua Portuguesa, na medida em que a pressuposição ganha um foco para além de um corpo teórico fechado, para servir de suporte na discussão sobre a estruturação da linguagem. Partindo da questão de saber se existe uma abordagem teórica da pressuposição que garanta a sua discussão em níveis distintos, acabamos por reconhecer a complexidade da linguagem, alimentada pelo fenômeno da pressuposição de modo tangencial, mas nem por isso captável em todas as suas artimanhas pelas teorias existentes. Desse modo, mais uma vez reforçamos a importância do fenômeno e das pesquisas na área a partir de olhares teóricos diversos.

### **Comparativo entre as concepções de Frege, Ducrot e Austin sobre a pressuposição**

Conforme Ilari & Geraldi (1990, p. 63), a diferença entre as três concepções de pressuposição podem ser assim configuradas: para Frege (1978) o fenômeno da pressuposição baseia-se numa relação de sentido entre orações. Ao considerar que certos enunciados podem se desdobrar em dois enunciados distintos, observa que os desdobramentos possuem uma relação implícita com os enunciados de base, podendo gerar acarretamento e/ou pressuposição. Assim, a pressuposição é trabalhada como *um tipo de relação entre orações*, admitindo que a pressuposição possa ocorrer com ou sem acarretamento. Para Frege, portanto, o conteúdo pressuposto não é tratado nem como estratégia argumentativa e nem

como informação compartilhada entre os interlocutores, e sim como condição de verdade dos enunciados na medida em que a pressuposição é identificada nas orações em que tanto a verdade quanto a falsidade da primeira tornam inescapável a verdade da segunda (informação pressuposta). Já no acarretamento, a verdade da primeira oração torna inescapável a verdade da segunda. Trata-se, portanto, de uma abordagem da semântica lógica, preocupada com a relação da linguagem com a realidade.

Em seu artigo "Sobre o sentido e a referência", 1892, Frege utiliza o exemplo já bastante conhecido, "*Aquele que descobriu que a órbita dos planetas é elíptica morreu na miséria*", para elucidar aquilo que é pressuposto (Aquele que descobriu que a órbita dos planetas é elíptica) daquilo que é posto (morreu na miséria). O pressuposto é, portanto, uma informação compartilhada que pode ser substituída por um nome, no caso Kepler, e que possui denotação, existência. É por essa razão que, nos estudos fregianos, tal fenômeno ficou conhecido por *pressuposição existencial*.

Frege ainda propõe os critérios de negação e de interrogação para atestar a veracidade do enunciado, já que a verdade do pressuposto de existência torna-se condição necessária para que o enunciado seja verdadeiro, embora não seja uma condição necessária para que ele tenha valor lógico. Em síntese, se o pressuposto não tiver valor de verdade o enunciado será falso, porém, aceitável do ponto de vista lógico. O exemplo citado por Frege, mesmo ao ser transformado em um enunciado negativo ou em um enunciado interrogativo, não altera o pressuposto de que alguém descobriu que a órbita dos planetas é elíptica.

Sob uma perspectiva da semântica argumentativa, Ducrot (1977) entende a pressuposição como um *mecanismo de atuação no discurso*. O locutor impõe ao seu interlocutor uma informação prévia estabelecendo limites à conversação e direcionando-a. Isso acontece porque a pressuposição não é passível de negação, por isso ela é utilizada para estabelecer verdades não contestáveis sob pena de se bloquear o diálogo. Uma refutação da pressuposição transforma a conversação em uma polêmica.

A teoria ducrotiana sobre pressuposição passou por várias revisões teóricas. Em 1980<sup>4</sup>, Ducrot introduz a pressuposição no quadro da polifonia, vez que insere na enunciação os subentendidos, os atos ilocucionários derivados e os pressupostos dependentes do contexto. Essa redefinição da pressuposição favorece as pesquisas sobre argumentação, principalmente no que tange aos procedimentos persuasivos tais como implicitar ou explicitar, praticar atos ilocucionais para atingir fins perlocucionais, e argumentar (em sentido estrito).

---

<sup>4</sup> Segundo KOCH, 2002, p.68

Numa perspectiva linguística, Ducrot traz o dialogismo de Bakhtin para a teoria polifônica, quando discute a unicidade do sujeito e mostra que a pressuposição aborda pelo menos dois pontos de vista em um enunciado, já que o autor não se expressa de maneira direta, mas faz aparecer diferentes personagens linguísticos em um mesmo enunciado. A polifonia é a base utilizada pelo autor para mostrar como um locutor pode fazer uso desses personagens, dessas diferentes vozes, para consolidar seu discurso.

Nessa fase de sua teoria, Ducrot diferencia locutor de enunciador, frisando que o primeiro é o ser responsável pelo enunciado, enquanto o segundo é o ser que se expressa através da enunciação. O locutor é o responsável por criar e manipular os enunciados, é uma imagem, uma representação discursiva, a quem são remetidas as marcas de subjetividade contidas no enunciado, enquanto os enunciadores são os pontos de vista expressos. O sujeito empírico seria, então, o autor, o produtor, o ser no mundo, que, para Ducrot, não é o foco dos estudos linguísticos.

[...] Direi que o enunciador está para o locutor assim como a personagem está para o autor [...] De uma maneira análoga, o locutor, responsável pelo enunciado, dá existência, através deste, a enunciadores de quem ele organiza os pontos de vista e as atitudes (DUCROT, 1987, p. 192 - 193).

Sob a perspectiva da pragmática, alicerçados nos pressupostos de Austin (1990), a pressuposição é entendida como *condição de emprego do enunciado*. Desse modo, as informações trocadas entre os interlocutores são de algum modo previamente por eles assumida. Ao proferir determinado enunciado, o locutor confia na verdade desse proferimento e acredita no compartilhamento dessa informação pelo seu interlocutor.

Esse filósofo defende a ideia de que não apenas os enunciados assertivos possuem pressupostos, generalizando esse fenômeno para os demais atos de linguagem, tais como a interrogação, a ameaça, a ordem, etc. Segundo o autor, a asserção é “(...) um ato de linguagem entre vários outros” (apud Koch, 2002, p. 50). Esses atos, por sua vez, precisam preencher certas condições de felicidade (exigências subjetivas e objetivas) para serem realizados, caso contrário, serão impedidos de atingirem seus objetivos.

### **Procedimentos metodológicos e análise do *corpus***

Nosso trabalho iniciou-se com a realização de uma pesquisa bibliográfica, de natureza

qualitativa, com a finalidade de se conhecer o fenômeno da pressuposição e suas diferentes perspectivas teóricas, bem como as pesquisas realizadas na área. Após a análise de alguns dicionários específicos da área de Linguística obtivemos alguns conceitos de pressuposição que apontaram para correntes teóricas distintas, tais como a fregiana, a ducrotiana e a pragmática. Esse fato nos levou a explorar o assunto sob diferentes perspectivas, até assumirmos, por fim, o ponto de vista ducrotiano, após revisão feita por esse autor, a partir das críticas feitas por Henry (1992), conforme anteriormente exposto, ao apresentarmos a abordagem em que Ducrot (1977) assume a pressuposição como fenômeno próprio da polifonia.

Duas leituras contribuíram para a delimitação de nosso percurso teórico: Mari (2011) e Koch (2002). Em seu artigo, Mari apresenta rapidamente as definições de pressuposição em diversos autores (ou pelo menos o que ele pode inferir de cada uma das abordagens), traçando um histórico para a pressuposição. Koch (2002) também dedica um capítulo de sua obra para o estudo da pressuposição, estabelecendo um percurso histórico diferente do proposto por Mari. O fato de dois autores que se propuseram a realizar um percurso histórico sobre a pressuposição levantarem autores diferentes nos levou a observar quão divergentes são as abordagens sobre o tema. Enquanto para a Pragmática a pressuposição é inerente a todo enunciado, para Frege, na sua abordagem baseada na Lógica Formal, ela depende das condições de verdade dos enunciados e para Ducrot ela depende, sobretudo, de fatores linguísticos, isso só para citar os três teóricos por nós estudados, os quais não esgotam a listagem apontada por Mari (acesso em 09/11/2011) e Koch (2002).

Após o reconhecimento das discussões teóricas acerca da pressuposição, foram justamente essas diferenças de abordagens que analisamos no *corpus* selecionado, que se constituíram de livros de semântica utilizados nos cursos de graduação em Letras e Linguística no país. Segundo nosso entendimento, essas diferenças de abordagens geram divergências na própria concepção de pressuposição. Portanto, ao analisar o *corpus* tentamos responder às seguintes questões:

- Se o conceito de pressuposição é instável, como o fenômeno é ensinado aos estudantes de nível superior?
- Quais as abordagens teóricas sobre a pressuposição que têm sido privilegiadamente contempladas nas discussões acadêmicas e por que razão?
- As abordagens mais discutidas sobre a pressuposição são suficientes para fundamentar o estudante de Licenciatura Plena em Língua Portuguesa, de maneira que se construa nele um

embasamento teórico suficiente para tratar essa questão linguística na sua atuação no ensino e na pesquisa em linguagem?

- Afinal, o que há de convergente, dentro das teorias propostas, que sustentaria uma abordagem da pressuposição como fenômeno linguístico?

Selecionamos três obras de cunho didático, portanto, próprias para o ensino nos cursos de graduação em Letras e Linguística, a saber: *Semântica*, de Ilari e Geraldi (1990), que trabalha a pressuposição sob o ponto de vista de Frege (1978), assumindo um ponto de vista lógico-semântico; *Manual de semântica*, de Cançado (2008), que aborda a pressuposição sob um ponto de vista que ela denomina semântico-pragmático; *Significação e contexto*, de Moura (2006), que perpassa estudos linguísticos da pressuposição, reconfigurando-os sob o ponto de vista da Pragmática. As três obras foram as escolhidas partindo-se dos seguintes critérios: a) são escassos os manuais de semântica produzidos no Brasil que tratam da pressuposição; b) são três obras consideradas de cunho didático pelos autores; c) possuem abordagens semânticas diferenciadas.

Os passos da análise foram os seguintes: inicialmente analisamos as obras em questão, logo após realizamos uma apresentação sucinta do conteúdo sobre pressuposição em cada um dos livros selecionados, apresentando e analisando os exemplos por eles trabalhados. A seguir, realizamos uma análise crítica das abordagens encontradas e logo depois uma identificação de seus pressupostos teóricos com aqueles por nós estudados. Nossa intenção era de suscitar as seguintes indagações: a abordagem realizada pelos autores era suficiente para que os alunos respondessem satisfatoriamente às questões do Provão/ENADE sobre pressuposição? Com base no conteúdo proposto pelos livros, o aluno de graduação em Letras se sentiria apto para trabalhar o tema pressuposição na escola básica?

Ao analisarmos os livros de semântica selecionados como *corpus*, pretendíamos pensar sobre as consequências das abordagens ali presentes para o ensino de pressuposição nos cursos de Licenciatura em Letras e Linguística no país. Para observar essas consequências buscamos em provas do ENADE – Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (antigo Provão) a presença de questões que abordam a pressuposição, contrapondo-as com as abordagens presentes nas obras analisadas, a fim de discutirmos se são suficientes tais abordagens para a compreensão do fenômeno. Pensamos que esse é o único modo de avaliarmos, na prática, as consequências e as possibilidades das abordagens sobre a pressuposição nos cursos de graduação em Letras.

Como o ENADE surgiu para substituir o antigo Provão, utilizamos as provas de Letras



do modelo antigo disponíveis no site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira) <sup>5</sup>, correspondentes aos anos de 1998 a 2002. Com a reformulação, o Ministério de Educação define anualmente quais cursos serão contemplados, a partir das áreas propostas pela Comissão de Avaliação do Ensino Superior. O curso de Letras foi contemplado nos anos de 2005, 2008 e 2011 e, por essa razão, fizemos tal recorte no *corpus*. É bom frisar que encontramos questões que utilizam os termos pressupostos / pressuposição, direta ou indiretamente, em todas as provas aplicadas. De 1998 a 2011 (treze anos), foram aplicadas nove provas para os cursos de Letras, pelos sistemas Provão e ENADE. Dessas, somente três provas (1999, 2000 e 2001) trataram da pressuposição como fenômeno linguístico próprio do componente semântico, a saber, uma questão na avaliação de 1999, duas questões na avaliação de 2000 e uma questão na avaliação de 2001, totalizando quatro questões sobre a pressuposição, as quais foram por nós analisadas.

Por vezes o conceito se apresentava de modo muito abrangente, entendendo pressuposto como algo que se supõe antecipadamente e não um artifício argumentativo ou lógico-formal. Por isso essas questões não foram consideradas para a análise, tal como no exame de 1998, que apresenta como resposta válida a seguinte: “(C) em I o provérbio perde sua forma fixa, o que lhe altera a eficácia discursiva; em II, a variação na forma da narrativa associa ao humor a crítica a discursos baseados no pressuposto de que a modificação da linguagem, por si só, elimina preconceitos.”

Por fim, concluímos nosso trabalho avaliando o ensino da pressuposição em nível de graduação, e suas consequências para a prática do professor licenciado em Letras. Para esse artigo, resumimos os resultados das análises, conforme exposto a seguir.

Esperamos, desse modo, contribuir com as discussões acerca desse campo de estudos tão prestigiado pela Semântica moderna, mas que representa uma enorme dificuldade para aqueles que pretendem abordá-lo, tendo em vista uma certa “intuição generalizada do seu alcance”, como afirma Mari (2011).

### **Considerações sobre a análise do *corpus***

Retomando sumariamente as análises dos livros de semântica, observamos que na abordagem proposta por Ilari e Galdi (1990) a pressuposição é vista de maneira tradicional, baseada na teoria dos exponíveis de Frege, conforme aponta os autores. Entretanto, a abordagem é tangencial, vez que trata da pressuposição como expressões que nos levam a

---

<sup>5</sup> <http://www.inep.gov.br/superior/enade/2009/provas.htm>

reconhecer informações distintas numa mesma oração. A negação, a interrogação e o acarretamento são utilizados nos exemplos para detectar os pressupostos dos enunciados, mas questões subjetivas, como o conhecimento compartilhado e a memória discursiva, não são explorados na abordagem em questão.

Na abordagem de Cançado (2008) é possível verificar que a autora expõe a necessidade de um conhecimento pragmático para a compreensão da pressuposição, apesar de não explorar esse caminho, mantendo um olhar mais lógico-semântico e utilizando os critérios da negação, interrogação e acarretamento para descoberta dos pressupostos em seus exemplos, assim como fazem Ilari e Geraldi (1990).

Em Moura (2008) é possível encontrar uma abordagem mais pragmática que as outras duas já citadas, já que o autor percorre as teorias fregiana e ducrotiana, utilizando os critérios da negação, interrogação e encadeamento, mas vai além, explorando as questões intersubjetivas da linguagem, como o conhecimento compartilhado e os elementos extratextuais presentes na enunciação. Nessa abordagem é possível encontrar tópicos que discorrem sobre as expressões ativadoras de pressupostos, como as descrições definidas, os verbos factivos, os verbos implicativos, os verbos de mudança de estado, os interativos, as expressões temporais e as sentenças clivadas.

É claro que, por ser uma obra que trata preferencialmente do fenômeno da pressuposição, a abordagem de Moura (2006) mostra-se mais completa que as demais, pois amplia o debate sobre o assunto, o que não ocorre nos casos de Ilari e Geraldi(1990) e Cançado (2008) que tratam da pressuposição de maneira pontual, pois preocupam-se em abordar outros fenômenos semânticos na mesma obra.

O objetivo deste item é retomar pontos levantados pelas análises realizadas a fim de tecer possíveis conclusões. Para tanto, discutiremos o fato de a pressuposição não aparecer nas avaliações do ENADE; a qualidade das questões sobre pressuposição no Provão; a frequência da pressuposição nas avaliações do Provão destinadas aos cursos de Letras; as abordagens dos livros de Semântica analisados, observando-os sob o ponto de vista do ensino de graduação em Letras e quais perspectivas teóricas são mais viáveis para serem discutidas em salas de aula, tendo em vista as análises realizadas.

A partir da análise das provas é possível avaliar a importância da pressuposição no ensino de graduação em Letras. Como o fenômeno foi abordado em questões do Provão em três anos subsequentes: 1999, 2000 e 2001, não se pode ignorar a sua importância na formação do graduando em Letras. Contudo, para nossa surpresa, o tema pressuposição não

aparece mais nas provas de 2002, 2003, 2005, 2008 e 2011. Por que razão o assunto teria sido preterido das avaliações, sendo que anteriormente as questões sobre pressuposição apareciam de modo tão específico?

Conforme pudemos observar, não havia uma única concepção sobre pressuposição nas quatro questões analisadas. A questão de 1999 exigia do aluno conhecimento sobre elementos desencadeadores de pressupostos, dentro de uma abordagem puramente linguística do fenômeno. Na prova de 2000, a primeira questão relativa ao tema versa sobre pressuposição por nominalização como elemento anafórico, abordagem própria da linguística do texto. Já a segunda questão de 2000 traz temas como “frame”, “conhecimento partilhado”, “pressuposição e cognição”, exigindo conhecimentos de linguística cognitiva e pragmática. A questão de 2001, por sua vez, está baseada na concepção de pressuposição de Ducrot (1977).

Nenhum dos livros de semântica analisados contemplariam conhecimentos suficientes para embasar um aluno submetido à avaliação do Provão / ENEM, em se tratando do tema pressuposição. Provavelmente, foram as múltiplas possibilidades de abordagens teóricas sobre pressuposição que fizeram com que esse assunto não aparecesse mais nas avaliações para os cursos de Letras, desde 2002.

Ainda sobre as questões analisadas, observamos que o conhecimento exigido por elas é muito amplo, de forma que um curso de Semântica oferecido na graduação em Letras não disporia de tempo suficiente para destrinchar todas as diferentes abordagens acerca da pressuposição, tendo em vista a diversidade de assuntos também relevantes que precisam ser trabalhados dentro da disciplina, conforme observamos nos livros de Ilari e Geraldi(1990) e Cançado (2008)

Para garantir uma facilidade no momento de responder a questão proposta pelo Provão 1999, a abordagem de Moura (2006) seria mais interessante, vez que trabalha exatamente a questão dos verbos factivos como introdutores da pressuposição:

Verbos factivos: são verbos que introduzem orações subordinadas que representam um fato que é pressuposto [...] Observe que há dois tipos de verbos factivos. Aqueles que são epistêmicos (compreender, saber, reconhecer, descobrir, etc) e aqueles que indicam sensações ou emoções (sentir (transitivo), lamentar, arrepender-se, alegrar-se). (MOURA, 2006, p.19)

Também pelo livro de Cançado (2008) seria possível responder corretamente a questão de 1999. Já as questões do Provão de 2000 não encontram base teórica em nenhum dos livros

de semântica analisados. Quanto a questão de 2001, ela seria muito bem respondida se o aluno de Letras tivesse estudado o tema pelos livros de Cançado (2008) e Moura (2006).

O assunto pressuposição, curiosamente, foi encontrado na prova de vestibular da Unicamp, em 2010, que trouxe uma questão discursiva abordando o fenômeno. O fato de o assunto pressuposição ter sido cobrado em uma prova de vestibular de uma universidade de prestígio em nosso país nos leva a refletir sobre a importância do seu ensino, principalmente na formação acadêmica dos licenciados em Letras Português, que possivelmente serão os responsáveis pelo debate sobre pressuposição em outros níveis de aprendizado. Como nosso foco não eram as provas de vestibular, trouxemos esse fato como mera curiosidade, já que esse tema desaparece das provas do ENEM a partir de 2002, conforme dito anteriormente.

### **Conclusões**

No decurso da realização desta pesquisa, compreendemos que, apesar de ser um conceito instável, a pressuposição é contemplada não apenas nas abordagens didáticas dos livros destinados ao ensino de graduação em Letras Português, mas também nas questões das avaliações aplicadas pelo Ministério de Educação e Cultura (MEC), com o propósito de avaliar o conceito dos cursos de ensino superior. Além disso, percebemos que a pressuposição é palco para embates teóricos e tema para diversas pesquisas de cunho acadêmico. Por essas razões, entendemos que, embora haja divergências teóricas profundas, o fenômeno precisa ser discutido nas salas de aula dos cursos de Letras Português, que visam, além de outras coisas, formar profissionais capacitados para discutir sobre fenômenos linguísticos nos diversos níveis de ensino.

Contudo, qual seria a abordagem mais adequada sobre pressuposição para ser discutida no âmbito da licenciatura em Letras, que levaria o profissional a trabalhar o conceito também nas salas de aula do ensino básico? Se optássemos pela abordagem fregiana da pressuposição, diferenciando posto e pressuposto e aplicando os critérios da negação e interrogação, incorreríamos no valor de verdade do enunciado. Além de essa abordagem ser referencialista, ela está muito pautada na lógica formal e não daria ao estudante base para observar a pressuposição para além da frase, com um olhar discursivo. Frege representa o início dos estudos acerca da pressuposição, que caminharam muito com o advento da Linguística.

Caso optássemos pela abordagem ducrotiana, nos depararíamos com várias revisões teóricas acerca da pressuposição (de 1966 a 2008). Recairíamos, portanto, na última fase de

sua teoria, já que as anteriores foram questionadas, e o que encontraríamos, então, seria uma diferenciação menos rígida entre pressuposição e subentendido, um afrouxamento da concepção da pressuposição como um quadro regulador do discurso e um menor centramento nos critérios de apreensão dos pressupostos. Nas suas últimas reformulações, em 1980, a pressuposição é inserida no quadro de estudos sobre polifonia, dependente de fatores contextuais. Nesse novo momento teórico, a pressuposição surge como um dos elementos de um quadro conceitual mais amplo, migrando dos estudos do enunciado para os estudos da enunciação. No nosso entender, essas são concepções dificilmente aplicáveis a um curso de graduação.

Por fim, optando por concepções pragmáticas, encontraríamos a pressuposição como conhecimento compartilhado e a observaríamos a partir de contextos específicos. O aluno precisaria ter noção dos conceitos da Pragmática, como as implicaturas conversacionais e se depararia com uma abrangência do fenômeno aplicada às interações em situações bastante definidas. Nesse quadro, o assunto seria tratado na disciplina Pragmática, mudando o foco enunciativo ou linguístico-formal, próprio da Semântica. No entanto, observamos que não há um consenso sobre a reconfiguração do conceito de pressuposição pela via da Pragmática, no âmbito dos estudos linguísticos. Essa seria, portanto, só mais uma opção teórica.

Concluimos, portanto, que não há um conceito estável sobre a pressuposição que possibilitaria uma tranquilidade no trato para com o fenômeno nos cursos de graduação em Letras e sua aplicabilidade à educação básica. No entanto, o fenômeno é de tal modo importante que ocupa debates constantes na Linguística moderna. Inicialmente nosso intuito neste trabalho era o de estudar, com maior rigor, a pressuposição em Ducrot, pois esse autor cuidou de pesquisar a pressuposição em diferentes momentos, sempre dialogando com outros teóricos sobre o assunto. Um dos diálogos mais interessantes foi realizado entre Ducrot e Henry (1992), a partir do qual a pressuposição foi discutida sob um olhar linguístico mais discursivo, pelo viés da produção de sentido. Acreditávamos que por ser uma abordagem estritamente linguística, ela seria privilegiada nos manuais de semântica, mas não foi isso que encontramos nesses livros e sim uma dispersão teórica.

Este trabalho de pesquisa demonstrou que as concepções sobre pressuposição nos dicionários de linguística e de análise do discurso são variáveis e por vezes controversas. Observou-se ainda que há muitos trabalhos entre artigos, dissertações, teses, entre outros, que possuem pontos de vista diversos sobre a temática, alguns de base cognitivista, concepção aqui não abordada. Ao levantar os três principais enfoques sobre o fenômeno, dentro da

tradição linguística, este trabalho pode reconhecer as especificidades teóricas de cada qual, observando que esses demarcam concepções também diferenciadas de linguagem, o que leva o fenômeno da pressuposição para lugares distintos: lógica clássica, o enunciado, a enunciação e o contexto interacional. Nesse momento não vimos a possibilidade de entrelaçar as três concepções construindo um ponto de vista homogêneo sobre o fenômeno, passível de ser aplicado ao ensino. Ao contrário, os estudos nos levaram a concepções muito distintas sobre a pressuposição. O mesmo pudemos observar analisando os livros de Semântica, concluindo que se os alunos os tivessem como base para responder às questões do Provão / ENEM, não estariam respaldados para encontrar as respostas corretas. No nosso entendimento, essa foi a causa do abandono da pressuposição nas provas do ENADE.

Concluimos, portanto, pela dificuldade de se abordar a pressuposição na graduação em Letras, tendo em vista a não homogeneidade no trato do fenômeno, além de inúmeras discussões e revisões próprias dos diferentes campos teóricos. Trata-se de um assunto a ser muito discutido na linguística, nos próximos anos, até encontrar as salas de aula.

Também concluimos que pensar a pressuposição apenas como fenômeno linguístico reduz o fato linguístico de tal forma que se torna uma tarefa difícil diferenciar pressupostos, subentendidos e implícitos. O próprio critério de descoberta dos pressupostos nos enunciados via negação, interrogação e encadeamento já foi invalidado pelas recentes pesquisas, pois não dá conta de todos os enunciados, conforme pudemos constatar nas questões analisadas, quando aplicamos esses critérios. Isso porque migramos dos estudos da frase para os estudos enunciativos, o que invalida os critérios propostos por Frege (1892).

Pesquisar a pressuposição pelo viés empírico-formalista parece dificultar a compreensão da pressuposição como objeto de conhecimento, remetendo-a a concepções referenciais. Segundo Henry (1992), a Linguística precisaria construir seu domínio no campo da complementaridade, assumindo a dimensão histórica, a realidade psicológica e a realidade social.

[...] Nas ciências humanas e sociais há uma tendência manifesta a negar a existência de toda dimensão própria à história e a considerar que ela é apenas o resultado da combinação e da articulação de processos ou de mecanismos de natureza econômica, sociológica, psicossociológica ou psicológica que a análise científica traria de cada uma dessas disciplinas e de sua metodologia [...] (HENRY, 1994, p.30).

Segundo o autor, a Linguística tem a ilusão de que estuda um objeto específico, no caso a pressuposição, no entanto, esse objeto surge a partir da contradição própria da história,

como observado nas diferentes abordagens sobre o mesmo objeto. Além disso, as questões de sentido estão envoltas em várias dificuldades teóricas, pois levantam a questão do sujeito, que se encontra imerso na história e na ideologia. Entendemos com Henry (1992), que a pressuposição é um fenômeno complexo que não pode ser analisado fora da história e do sujeito. Isso implica um repensar dos limites da própria Linguística, que tende a vê-la ou como estratégia referencial, ou como estratégia argumentativa, ou, ainda, como conhecimento compartilhado. Para nós, a pressuposição não se restringe ao contexto da interação nem aos fatores linguístico-formais ou argumentativos, ela se liga a todas essas condições como fenômeno discursivo complexo e por isso deve ser estudada como tal. Observamos, desse modo, que os estudos desse tema deveriam ser retomados a partir do que propõe Henry (1992), considerações essas que ainda não foram exploradas na sua totalidade.

### Referências Bibliográficas

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Trad. de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1990.

CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2ª ed. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 2008.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Trad. revisada de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer**. Trad. de Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Rosa A. Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977.

\_\_\_\_\_. **Provar e dizer: leis lógicas e leis argumentativas**. Trad. de Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira e Cidmar Teodoro. São Paulo: Global, 1981.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. Trad. Paulo Alcoforado. In: **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1978.

HENRY, Paul. **A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso**. Tradução de Maria Fausta P. de Castro. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

\_\_\_\_\_. A história não existe? In: ORLANDI, Eni (Org.). **Gestos de leitura da história no**

**discurso.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994, p. 29 a 53.

ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. **Semântica.** 4. ed. SP: Ática, 1990.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Argumentação e linguagem.** 7. ed. SP: Cortez, 2002.

MARI, Hugo. **Conceitos de pressuposição:** histórico. Disponível em: [http://www.ich.pucminas.br/posletras/SEMANTICA-conceitos\\_de\\_pressuposicao.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/SEMANTICA-conceitos_de_pressuposicao.pdf). Acesso em 09/11/2011.

\_\_\_\_\_. **Os lugares do sentido.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

MOURA, Heronides Maurílio de Melo. Pragmática: uma entrevista com Heronides Moura. **Revista virtual de estudos da linguagem – ReVEL.** Vol.5, nº 8, março 2007. Entrevista concedida pelo Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura.

\_\_\_\_\_. **Significação e contexto:** uma introdução a questões de semântica e pragmática. 3ª ed. Florianópolis, SC: Insular, 2006.

PROVAS E GABARITOS – ENADE (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes), disponível em: <<http://www.inep.gov.br/superior/enade/2009/provas.htm>>. Acesso em 26/08/2010.